S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 17 de fevereiro de 1912 — ANNO XI — NUMERO 126

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados
PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO .... 10$000
SEMESTRE .... 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio.

FRANCISCO FERRER

Ultima prova do hediondo crime

Um grande êrro de justiça solenemente proclamado

Recordações dolorosas de horas agitadas — Ingenuidades e esperanças — Errar é humano, mas reconhecer o erro é sobrehumano — Um caso extraordinario — A obra de Ferrer vai poder ser continuada, mas ha uma reparação impossivel: a do assassinato!

Ferrer, *o grande martyr que a Justiça acaba de declarar ter sido victima de um crime infame*

LISBOA, 26 de JANEIRO

Quando, após os sucessos de Barcelona, em junho de 1909, circulou pelo mundo a notícia da prisão de Francisco Ferrer, como implicado principal na insurreição popular, os que o conheciam, os que lhe seguiam atentamente a obra educativa, os que sabiam o escopo da sua actividade, a directriz do seu pensamento e as virtualidades do seu caracter reflectido, os que não o ignoravam quasi sempre ausente de Espanha, pessoalmente pouco conhecido e sem infiuencia entre o proletariado barcelonês (um membro do comité de greve nem de vista o conhecia), os que enfim tinham presente, em todos os pormenores, o anterior processo, cujo falso e infame pretexto fôra o acto de Morral, esses não puderam deixar de exclamar, confiados e optimistas:

— Não é possivel! E' mais um fiasco, que a «justiça» terá em breve de reconhecer.

O conhecimento minucioso dos factos veio depois amplamente confirmar esta convicção — e aumentar o espanto suscitado pela incrivel teimosia dos inimigos da sua paciente e ponderada propaganda, que recusavam soltar a presa. E o assombro foi embrutecedor, inenarravel, quando o infame tribunal de guerra, sem provas, contra todas as normas de justiça, fechando os ouvidos á razão, sufocando a defesa, ousou pronunciar uma sentença de morte!

— Embora! — dizia-se ainda; — não ousarão ir até ao fim, o crime não será inteiramente consumado! Impossivel! Arma-se uma comédia obscena para fazer brilhar a piedade régia...

E foi provavelmente esta ideia que entorpeceu, que contribuiu para entibiar a campanha internacional em favor do preso, em favor da justiça, em favor da vida. A multidão revoltou-se, colérica e impetuosa — mas quando o mal era irreparavel...

Mesmo os que conhecem o valor e a natureza das instituições autoritarias, de exploração e de dominio, se deixam por vezes levar a bem singulares canduras!

... E no entanto, após a tremenda indignação universal, após a ardente campanha de reivindicação e de justiça, eis que essas mesmas instituições, eis que uma das suas cúpulas mais majestosas e suberbas, vem agora solenemente proclamar a inocencia de Ferrer!

Já a um particular é bem penoso o reconhecimento dum êrro: mas as instituições, as «justiças», essas sentem em regra uma ainda mais invencivel repugnancia em bater no peito um humilde e compungido *mea culpa*, porque essa confissão lhes vem empanar o brilho prestigioso e autoritario.

Esse caso raro deu-se todavia em favor da memoria dum fuzilado... Não que fosse desonra bater-se nas ruas entre o povo, sangrado e oprimido; mas porque infamia e desonra foi, para os algozes, assassina-lo vilmente por ideias, sob o pretexto inventado de beligerancia.

O Supremo Tribunal de Madrid acaba de ordenar a restituição dos bens de Ferrer e da Escola Moderna aos seus herdeiros, reconhecendo que:

1.º — Ferrer em nada interveio nos factos de Barcelona;

2.º — Nenhuma das pessoas processadas estava ás suas ordens;

3.º — Em nenhum dos 2.000 processos causados pelos acontecimentos se acharam vestigios da participação ou da instigação de Ferrer.

Maura, *a fera que, como chefe do ministerio, mandou assassinar Ferrer*

E os conventos perdem a acção de reivindicação que tinham intentado — o que torna mais significativa a victoria da verdade.

Invade-nos ainda hoje uma onda de cólera, rememorando, depois disto, aquela dolorosa vergonha historica! Vergonha inextinguivel e mortal para a maldita reacção clerical e militarista! Vergonha para os interessados, para os fanáticos e para os cretinos que aplaudiram o crime hediondo! Vergonba e remorso para os ingênuos e retardatarios que creram na honra e justiça dos algozes!

As instituições... essas não se corrigem, essas costumam morrer impenitentes. E são cheias de verdade estas palavras, com que o jornal meu informador fecha a sua notícia:

La Cierva, *o chacal que, como ministro do interior, foi um dos mandatarios do assassinato de Ferrer*

«Ha só uma coisa que o tribunal supremo se vê impossibilitado de fazer: é restituir a vida ao fuzilado de Montjuich.

«E' na verdade cômodo demais para os governantes enviarem ao poste de execução os que os incomodam, e depois, consumado o crime, virem dizer que estes foram victimas de um êrro judicial.

«Por isso, façam o que fizerem, para nós Afonso XIII ha de ser sempre o assassino de Ferrer.»

O rei — e tudo o que êle representa de retrocesso e de infamia. — **Neno Vasco.**

SERMÕES AO AR LIVRE

Dois gatunos judeus roubaram, em França, vinte mil francos a um padre. Os leitores desprovidos de francos e outras prendas equivalentes, ao cambio do dia, hão de encolher os hombros á noticia, porque não ha como os pobres para se rirem destes accidentes.

Mas eu relato o caso para reconstituir pela imaginação o raciocinio que terão feito os dois assassinos do Messias e espoliadores de sacerdotes:

— «Um ministro do Christo que dizem ter prégado a santidade da pobreza, a renúncia ás riquezas e o desapego pelos bens terrenos não tem absolutamente direito a possuir pingues importancias. E' uma traição; e nós, almas rectas, odiamos os traidores e os apóstatas. Forcemo-lo a pôr de accôrdo os actos com as palavras e a imitar os primeiros discipulos que abandonaram tudo para seguir o nosso compatriota salvador!

E depois o dinheiro pertence-nos. Apesar de compatriotas do Christo a quem elles attribuem a origem da sua Igreja e do seu poder, os padres fizeram de nós entes detestados e perseguidos. Levantaram contra nós as fogueiras e as coleras da populaça, decretaram contra nós a expulsão ou a conversão (que nem por isso nos livrava da morte ou do desprêzo), encurralaram-nos em bairros aferrolhados, fecharam-nos muitas portas e profissões, condemnaram-nos sobretudo ao commercio do dinheiro... E' nossa tradicção forçada... Temos fama de usurarios, mesmo sem um vintêm. Pois bem: sejamos ao menos accusados com justiça e livremos o padre deste instrumento do inferno! Carreguemos com a nossa cruz secular!»

E carregaram com o cobre.

Zeno Vaz

O leite da Virgem

Conserva-se um frasco do mesmo na igreja de Montevarchi. O encarregado das reliquias e três outros padres e professores estabeleceram, de modo irrefutavel, a authenticidade deste leite, que figurára nas mãos do bispo de Bethlem, numa solenne procissão effectuada pelos cruzados do conde de Sidon, batidos apesar disso pelos muçulmanos...

Não se sabe por que artes, a milagrosa prenda, um seculo depois, caiu nas mãos necessitadas do imperador cruzado de Constantinopla Balduino II (um de Courtenay) que, vendo-se em grandes apertos financeiros, a vendeu ao santo rei de França Luiz IX, em 14 de setembro de 1241. Um pio capitão aventureiro, o conde Guidoguerra, de Montevarchi, segundo o historiador padre Conti, obteve do rei santo um pouco desse leite em 15 de janeiro de 1213, embora então não vivessem ainda os três — imperador, rei e conde...

E Montevarchi venera o leite da Virgem, que não tinha outra coisa que fazer senão fornecer leite ás pessoas das suas relações, pois que o ha tambem em Paris, Napoles, Roma, etc. Parecia uma vacca leiteira — salvo o devido respeito!

AINDA NA BRECHA

RIDENDO CASTIGAT MORES

Nada nos arredará da luta contra o conluio clerico-policial — A campanha durará até que justiça seja feita e nos respondam: Onde está Idalina?

Sim, aqui estamos e estaremos até que isto tenha um fim.

Quando terminará esta peleja que já dura annos? Difficil resposta. E é coisa que não nos preoccupa.

Mettemo-nos nesta campanha porque nella está a defesa da vida dos filhos do povo, que os satyros de batina têm presos em suas garras devastadoras.

Estamos na liça e iremos até onde seja preciso.

Até a prisão, quem sabe?

Para ella já fomos atirados e para lá voltaremos se tanto exigirem.

Na brecha estamos para o que der e vier.

Defenda-se o conluio clerico-policial que nós não pedimos armisticio.

Hontem, com os golpes retalhantes do latego fustigador, hoje com a ironia ferina e mortificante iremos atirando as nossas vergastadas.

«Ridendo castigat mores». Sim, agora é tambem rindo que castigaremos os costumes devassos da clericanalha e a conducta pusilanime e venal das autoridades que a defende.

Caustica-los com a ironia mordaz, expo-los ao ridiculo é mostra-los ao povo tal qual elles são: farçantes despudorados.

O padre Faustino candidato

Vai num crescendo deveras animador o enthusiasmo pela candidatura do nosso impoluto e sempre querido padre Faustino Consoni.

Agora não restará a menor duvida sobre o exito do grande pleito eleitoral de 1.º de março. Nesse dia, que será registado em caracteres indeleveis nas paginas da historia politica da terra do padre Bacalhau, surgirá, qual nova Phenix, das cinzas ainda fumegantes da olygarchia que nos tem dominado, o nome immaculado do homem que, pela protecção que lhe dispensam todas as autoridades do Estado, foi consagrado como a mais alta personalidade publica dos dominios de d. Duarte Leopoldo.

A actividade politica que se está verificando de um extremo a outro do Estado deixa a perder de vista a agitação produzida entre os que se dispunham a conquistar o lugar agora justamente destinado ao nosso honrado candidato.

A prova da vitalidade da nossa campanha eleitoral temo-la no terror de que foi apossada a gente que sustenta a conselheiral candidatura.

Apavorados com as já incalculaveis deserções das suas fileiras dos elementos que se vêm aggregar á nossa immensa legião, os coripheus da situação dominante agitam-se desesperadamente para ver se conseguem evitar a inevitavel derrota.

Porém, têm sido baldados os seus esforços. A debandada dos seraphicos eleitores do dr. Lins é geral. Não ha força humana que a possa evitar.

E dahi os recursos menos licitos de que estão lançando mão para, ferindo o sagrado principio eleitoral, tentarem prejudicar a candidatura do illustre patrocinado do coronel José Brasil Paulista Sul-Americano Piedade.

Talvez os nossos leitores ainda não tenham conhecimento de

Um estratagema

que procuraram levar a effeito os nossos mesquinhos adversarios com o intuito de conseguir esmagar a candidatura que tem como patrono summidades da estatura do dr. Pinheirinho.

Que coisa indecorosa! Só mesmo quem tem a certeza de uma vergonhosa derrota é que procede assim.

Calculem os leitores. Ha dias correu pela cidade o terrivel boato de que o padre Faustino tinha sido preso, após um mandado expedido pela autoridade competente. Immediatamente puzemos em campo a nossa activissima reportagem e dentro em pouco estavamos ao par da terrivel trama.

O boato não era destituido de fundamento. Realmente a policia pretendeu effectuar a prisão do candidato do Partido da Moralidade Republico-clerical.

Mas o golpe foi aparado a tempo.

Prender o padre Faustino porque?! Não é elle o homem mais considerado no seio da élite social, composta de condes e barões que o distinguem com a sua dinheirosa protecção? Não está a sua sagrada reputação acima de toda a acção das autoridades do Estado?

Ah! seus grandes olygarchas, ainda uma vez puzestes a vossa calva a mostra.

O vosso fim era simples e unicamente arredar do campo da luta o candidato que ameaça, com uma clamorosa derrota, o pouco catholico conselheiro que escolhestes para ser suffragado em 1.º de março.

Não conseguistes tal, porém. E não o conseguireis jámais porque o padre Faustino está destinado a ser o vosso chefe.

Traidores! Pois não fostes vós os que com mais dedicação o puzestes a salvo da acção da justiça?

Traidores!

Accordo, nunca!

Depois de terem procurado arredar por meios violentos e fraudes a candidatura do padre Faustino, estão agora os seus adversarios a ver se conseguem um accordo.

Offerecem-nos grandes vantagens para que o grande vulto que escolhemos para nosso candidato desista de pleitear a eleição do dia 1.º Concedem-nos diversas cadeiras no congresso para serem occupadas pelos padres Stefani e Capelli e outros, o lugar de carcereiro da Central ao coronel Sul-Americano Piedade, o commando da cavallaria ao dr. Pinheirinho, e mil outras concessões.

Mas nós soubemos repellir dignamente a affronta. Nós não nos vendemos!

Poderemos ser vencidos pela fraude e pela violencia mas não recuaremos.

Com o nosso candidato á frente... bem á frente... iremos até o fim.

Accordo, nunca!

A nossa intervenção

Sim, nós não escondemos a nossa intenção intervenciovista. Amamos a franqueza e por isso gritamos bem alto que faremos a intervenção em S. Paulo.

E' a resposta que daremos á fraude indecorosa que se prepara.

E não julguem que nos amedrontam com a ameaça do exercito internacional paulista.

Nós temos o nosso exercito, cheio de glorias passadas e com o qual, no momento opportuno, invadiremos o Estado.

Com o coronel Piedade á frente e o dr. Pinheirinho no Estado Maior, marcharemos p'r'aqui com os suissos do papa e todo o exercito aquartelado no Vaticano.

Então veremos quem vencerá.

Os trabalhos eleitoraes

Os trabalhos eleitoraes proseguem com uma actividade admiravel.

O enthusiasmo despertado é indiscriptivel.

Um amigo de S. Paulo já mandou imprimir e está distribuindo milhares de cedulas para a votação nas urnas.

Um outro abnegado correligionario tambem está distribuindo uma outra cedula assim concebida:

«Para presidente do Estado: Padre Faustino Consoni, despudorado, estuprador e consumidor de Idalina, residente no antro Orfanato Christovam Colombo, nesta Capital.»

No bairro do Braz está sendo distribuido um boletim convidando os anticlericaes, os livre-pensadores e os homens livres a votarem no padre Faustino Consoni.

E assim por toda a parte vai ganhando terreno a candidatura do grande santificador de crianças, que tem a sua morada lá onde foi dado o primeiro grito da independencia.

Como se deverá votar

Muitas consultas temos recebido sobre detalhes da eleição.

Interrogam-nos sobre como deverá ser feita a votação. Como já dissemos no nosso numero passado, a votação nas urnas deverá ser feita de accordo com as indicações publicadas nos jornaes

1) A irmã Candida — 2) A accusada no tribunal — 3) O queixoso Pereret, joalheiro.

(VER A NOTICIA NA 2.ª PAGINA).

diarios. Cada eleitor mette a sua chapa num enveloppe, que depois deverá ser introduzida na urna.

Em cada mesa eleitoral os nossos amigos collocarão o seu fiscal, que deverá ir contando os votos apregoados.

Sem isso o nosso candidato será victima da fraude e não teremos a satisfação de ver á frente da gente do governo o «defensor» de Idalina.

O plebiscito

Além da eleição das urnas, nós estamos fazendo um plebiscito para a escolha do presidente do Estado, que será o padre Faustino.

Nesta votação poderá tomar parte toda a gente. Até as mulheres, a quem concedemos o direito do voto.

Cada amigo deverá recortar as duas cedulas que apparecem em nossa terceira pagina, assigna-las com o proprio nome, com a indicação da cidade onde residem, e remette-las, em enveloppe, uma directamente ao padre Faustino Consoni, no Orfanato Christovam Colombo, e outro para o nosso endereço.

As cedulas que a nós forem enviadas servirão para apurarmos o numero de votos recebidos pessoalmente pelo consumidor de Idalina.

A votação é geral. De todos os pontos do Brasil devem ser enviadas cedulas ao sagrado safardana do Orfanato.

O que diz a imprensa

A *Republica*, nosso collega santista, publicou ha dias, sob o titulo sempre sugestivo — *Onde está Idalina?*, este vibrante artigo:

«O jury da capital, absolvendo pela negativa unanime ao quesito principal, Maria Luiza, do crime previsto no art. 289 do nosso codigo — tirar ou mandar tirar, infante menor de 7 annos da casa paterna, collegio, asylo, hospital, do lugar emfim em que é domiciliado, empregando violencia ou qualquer meio de seducção — nada mais fez do que provar o revoltante e abominavel crime praticado contra a menor Idalina pelos depravados e cynicos padres que dirigem o Orfanato Christovam Colombo.

Pois se esse quesito, o principal, e ao redor do qual se fermentou, cresceu e avultou a palpitantissima questão do — ONDE ESTÁ IDALINA? — foi negado, é natural, logico, positivissimo que essa infeliz criança ainda lá deve permanecer, ou então, responsaveis por ella e pelo seu destino são os directores daquella abominavel pseudo casa de instrucção e caridade prestados á infancia orfã dos carinhos de pai e mãi.

Se Maria Luiza (verdadeira criação clerical) não retirou a inditosa criança daquelle antro de depravações e subsistem terriveis, crueis, fortes e esmagadoras como a verdade, a convicção de que lá ella foi estuprada e morta pelos Stefanis e Consonis, porque se não deve continuar gritando cá fóra, a plenos pulmões e com a mesma indignação e todo odio — ONDE ESTÁ IDALINA?

Que importa a escandalosa protecção emprestada áquella casa pelos poderes publicos; deixa que o governo a subvencione com a melhor das suas verbas; que os ingenuos e os tolos ainda a tenham na melhor conta; que as mystificações ali se reproduzam e os estupros se multipliquem; porém, deixem cá fóra o direito a esta interrogação fatidica e terrivel que vale pela logica e pela verdade esmagadora de que ella se reveste por um estygma ardendo em brasa, na testa da canalha do Orfanato: ONDE ESTÁ IDALINA?

Sim!

ONDE ESTÁ IDALINA?

Se Maria Luiza a não retirou de lá, porque em verdade Maria Luiza é uma ficção, porque não deve subsistir esmagadora e cruel, contra os corvos do Orfanato a pena maxima do art. 266, do nosso codigo, em seu paragrapho unico?

ONDE ESTÁ IDALINA?

Seja ainda hoje esta como amanhã e como sempre a nossa interrogação:

ONDE ESTÁ IDALINA?»

Declarações de solidariedade

Juntamos aqui mais algumas cartas recebidas de pontos diversos nas quaes os amigos e companheiros de luta nos declaram a sua franca solidariedade nesta batalha sem treguas contra os criminosos albergados sob a protecção da policia no Orfanato do Ypiranga.

Eis essas cartas, que registamos para patentear o quanto a nossa campanha tem repercutido por toda a parte:

«Ao intemerato jornalista Edgard e seus companheiros de luta, a Liga Anticlerical de Prata, representada por seus membros Tolendal Bittencourt e Janetto Felloni, envia effusivos parabens pela victoria alcançada na brilhante causa — Idalina — e, na communhão desse mesmo ideal, pergunta com a coragem que lhe é peculiar: *Onde está Idalina?*

Cidade do Prata, fevereiro de 1912.»

* *

«Senhor redactor:

Felicito-vos calorosamente pela victoria alcançada no caso Idalina e pela escolha do muito celebre padre Faustino Consoni para presidente do Estado.

Cravinhos, 12 — 2 — 912. — *Armando Franco de Campos.*»

* *

«Presado amigo Edgard:

Affectuosas saudações a ti e a todos os companheiros.

Queira receber os meus cumprimentos e um amplexo pelo triumpho que acabas de obter com a sentença do Tribunal no caso Idalina.

Queira felicitar por mim todos os companheiros que contigo se acham á frente dessa justa causa.

Sorocaba, 9 — 2 — 912. — *José Revier.*»

* *

«De regresso da Europa, venho felicitar a *Lanterna* pela campanha contra o clero devasso e corrupto.

Rio, 9 — 2 — 912. — *Fonseca Moreira.*»

* *

«Presados amigos Edgard e Benjamim Mota:

Sinceros parabens pela victoria alcançada no caso Idalina. Era de esperar.

Sou paulista e, achando-me nessa capital em março, vi as injustiças dessa policia clerical e o modo brutal com que vos trataram.

Mas a verdade sempre apparece. Arrancastes a mascara a esses cancros sociaes.

Agora pergunto eu: far-se-á a justiça devida?

Rio, 11 — 2 — 912. — *João Evora.*»

* *

«Sr. Edgard Leuenroth:

Felicito-vos pela victoria que obetivestes na campanha contra os abutres do Orfanato Christovam Colombo.

Sallesopolis, 10 — 2 — 912. — *T. M. da Silva.*»

* *

«Sr. Edgard Leuenroth:

Queira receber os meus sinceros parabens, bem como o illustre advogado Benjamim Mota, pela brilhante victoria que alcançastes na luta contra essa canalha que está manchando a nação brasileira.

S. Vicente, 10 - 2 — 912. — *J. Cardoso.*

UM ESCANDALO RELIGIOSO

A celebre irmã Candida no tribunal

Nos bastidores da decantada caridade da gente da igreja catholica

Os nossos leitores porventura vagamente se recordam do sensacional escandalo religioso que ha cêrca de dois annos occorreu em França tendo como protagonista a irmã Candida. O nome desta religiosa era pronunciado como o de um S. Vicente de Paula, de saias. Por isso quando ella foi presa, o assombro foi geral.

Não se acreditava na sua culpabilidade. Todavia, ella estava bem averiguada. A irmã Candida alimentava as numerosas obras religiosas de que tomara a iniciativa, de que era a alma, por meio de audaciosas *escroqueries*, as quais consistiam sobretudo no roubo de joias.

Pois foi o julgamento da irmã Candida que realizou-se agora em Paris, recordando-se ainda o suicidio do dr. Leon Petit, secretario da velha religiosa, que se suicidou ao vêr que a justiça ia descobrir todo o estendal de falcatruas de que elle era conhecedor e de que tacitamente havia sido mais ou menos cumplice.

A defesa da irmã Candida resume-se em poucas palavras:

— Não fui senão um instrumento. Foi o que me disseram que fizesse, julgando trabalhar para o bem da obra. Nunca tive outra intenção, outro pensamento, outro fim, senão praticar o bem. Tive muitos desgostos, e, como veem continuo a tê-los. Além disso não conheço a lei. Por causa disso é que eu estou aqui.

Mas a isto respondeu o juiz Péan:

— Não conhece a lei?! Todavia, envolvida ha vinte annos em grandes negocios, e bem complicados, diga-se a verdade, devia pelo menos ter ouvido falar della algumas vezes.

A contabilidade da obra de Ormesson, dirigida pela irmã Candida, foi encontrada na maior desordem: balanços falsificados, notas de despesas escuras, importantes receitas omittidas.

— Não era eu, responde a irmã Candida, que se occupava disso.

Chega-se assim, insensivelmente, ao dr. Petit.

A irmã Candida não se perturba.

— O seu suicidio ainda hoje é um mysterio para mim, diz ella.

Entretanto, o dr. Petit deixou notas deste teôr:

"Antes quero morrer do que ser victima nos horrores que entrevejo, e cuja inteira responsabilidade deixo á irmã Candida, que semeia em torno de si a ruina e a morte".

Num maço de obrigações o dr. Petit escreveu:

"Outro exemplo dos seus abusos de confiança."

Num terceiro envelope lia-se:

"Mais provas dos seus roubos."

— Que tem a dizer a isto?

A irmã Candida respira. O seu ar serafico parece querer dizer que não deseja accusar um morto.

Mas a accusação que trás a irmã Candida ao tribunal é a do joalheiro Peyeret, que se queixa della ter comprado a credito 38.000 francos de joias, indo logo vende-las ao ourives Math por 23.000 francos: Este vendeu-as logo por 31.000 francos. Apurou-se tambem que ella comprára nas mesmas condições 336.000 francos de joias a um commerciante de nome Dagneaux, indo logo empenha-las num banco de Londres, com excepção de um colar de 25.000 francos, que desappareceu.

O sr. Peyeret diz que só confiára as joias á irmã Candida para as mostrar a uma fregueza.

A irmã Candida reconheceu o facto, mas alegou não ter tido intenção criminosa. Contava, diz ella, com uma somma de 600.000 francos que lhe deviam, e que lhe tinham promettido pagar, para solver os seus compromissos. Como porém não o fizessem, viu-se inteiramente impossibilitada de o fazer.

Biblia vermelha

A Hespanha magnificamente dotada, a Hespanha que recebera dos romanos a sua primeira civilização, dos arabes a segunda civilização, da Providencia um mundo, a America: a Hespanha perdeu, graças ao clero, graças ao seu jugo de embrutecimento, que é um jugo de degradação e diminuição, a Hespanha perdeu esse segredo do poder que ella recebera dos romanos, esse genio das artes que ella recebera dos arabes, e em troca de tudo o que o clericalismo lhe fizera perder, recebeu delle a Inquisição!

Victor Hugo.

* *

Os que são unidos por um pensamento vivo, por uma vontade e uma grande paixão communs, são realmente irmãos, ainda mesmo que não se conheçam.

Bacunine.

* *

Um rei é sempre prodigo sem ser liberal; porque liberalidade vem de liberdade, e ninguem pode livremente dispôr dos bens alheios (dos bens dos subditos).

Montaigne.

* *

Pretende-se que a religião é a educadora do homem. Pode orgulhar-se do bom discipulo que fez: é uma educação a recomeçar.

Luisa Ackermann.

OS JESUITAS

A CONDUCTA DOS JESUITAS NO BRASIL

Os jesuitas eram bem pagos por seus serviços, ao contrario do que affirmam os corypheus do jesuitismo. Elles tambem adoravam o bezerro de ouro, e ao dinheiro dispensavam particular admiração. Não desdenhavam o vil metal, como se tem por ahi alardeado grotescamente.

Para exaltarem as *santas virtudes* dos jesuitas, apregoam que elles passavam necessidades e não ganhavam vintem, entretanto é certo que os filhos de Loyola recebiam pagamento não só do povo como do governo; e, se admittirmos que elles não faziam questão de pecunia, cada vez explicamos menos os processos, pelos quaes chegaram elles a amontoar tão formidaveis valores.

O governador Mem de Sá dispensava grande protecção aos membros da Companhia de Jesus, e já vimos como as cousas se passaram em Piratininga, onde o governador tomando a parciliadade dos padres do collegio, decidiu contra os direitos da villa de Santo André e do seu alcaide, o velho portuguez João Ramalho.

Diz Porto Seguro que essa protecção dispensada por Mem de Sá, era em virtude de ordens superiores muito terminantes. A carta regia de 12 de fevereiro de 1557 mandava abonar a cada jesuita 4 panicús de farinha, 1 alqueire de arroz ou milho e 1 cruzado em dinheiro. Dois annos depois Mem de Sá ordenava que a cada padre da Companhia se dessem, além disso, mais 5$000 por anno e 12 cruzados em ferro. O alvará de 7 de novembro de 1560 ordenou que se desse aos mesmos padres a redizima, ou a decima parte de *todos* os dizimos, «com o que ainda não se mostraram satisfeitos, pelo que vieram a pedir e a alcançar (em janeiro de 1576) 2:000$, 200.000 cruzados de mantimentos e mais 500 cruzados para a fabrica do Collegio». Essa ninharia orçava por 82:500$000, o que representava uma collossal fortuna para aquelles tempos.

Fundada a cidade do Rio de Janeiro, Mem de Sá doou ao padre visitador Ignacio de Azevedo, da Companhia de Jesus, o sitio necessario para se fundar no Brasil um terceiro collegio, o que foi confirmado pelo cardeal regente em 6 de fevereiro de 1568, devendo cada padre receber de congrua o mesmo que os da Bahia, segundo se lê em Porto Seguro: «Successivamentes adquiriram os padres umas 6 leguas de terras em Macacú, que lhes foram *cedidas* por Miguel de Moura, e depois *adquiriram* (para os seus indios (?!) mais doze leguas até a serra dos Orgãos. Em 11 de fevereiro desse mesmo anno de 1568, approvou o rei a inauguração do collegio em S. Vicente para 50 padres, com os *mesmos* mantimentos que os da Bahia».

Esses factos provam que os jesuitas, longe de passarem privações e necessidades, viviam á tripa forra, passando a vida folgada e milagrosa, de que falou Bocage.

Além disso, os padres da Companhia eram grandes lavradores mas pelo processo dos antigos senhores de engenho; desfructando o trabalho alheio, no começo sugando o braço do caboclo, sem pagar, e por fim adquirindo francamente escravos, pois a Companhia de Jesus foi a maior proprietaria de escravos que houve no Brasil.

A principio, para melhor se apropriarem do trabalho dos indios, os jesuitas fingiram-se partidarios da libertação dos filhos das nossas selvas, chegando por isso a sustentarem varias lutas com alguns dos colonizadores, — mas o fim que elles vizavam com essa officiosa interferencia, era simplesmente contarem com as boas graças dos caboclos para trabalharem gratuitamente nas fazendas dos collegios, arroteando as suas immensas terras, cultivando suas enormes lavouras.

Não obstante reinar uma verdadeira balburdia no tocante á legislação especial ácerca dos indios do Brasil, como o attesta Porto Seguro, muitos foram os abusos commettidos pelos povoadores que, necessitados de braços, para as suas industrias, não trepidaram nem deante das mais monstruosas selvagerias para arranjarem pessoal e por isso eram feitas frequentemente verdadeiras caçadas de indios, e os que caiam prisioneiros perdiam a liberdade, eram submettidos como escravos. Para esse crime horrendo os primeiros povoadores não encontram nenhuma defesa, nenhuma justificativa, que se baseie na moral e no direito.

Os abusos então commettidos encontraram os mais serios embaraços nos sentimentos de piedade e de justiça que, felizmente, não haviam ainda desapparecido das consciencias.

Creados os obstaculos levantados pela philantropia e pela liberdade, que os jesuitas prégaram mais com a palavra do que com o exemplo, pois que não começaram por libertar os que lhes davam obediencia, na phrase de Varnhagem, — surgiram taes difficuldades que os povoadores appellaram para a corôa.

A côrte, diz Porto Seguro, sem conhecimento do caracter dos indios, e *influida* pelos jesuitas, julgou a principio dever libertar os indios completamente, e contra isso representou o povo, provando que aquelles que pertenciam ás aldeias ou missões da Companhia eram sim absolutamente immunes e protegidos contra toda a sorte de tropel estranho, mas que, bem considerado o caso, eram verdadeiros servos, pois trabalhavam como taes, não só nos collegios, como nas terras chamadas *dos indios*, que acabaram por ser fazendas e engenhos dos padres jesuitas. Se das roças se sustentavam os trabalhadores, outro tanto se passava com os dos missionarios; e se o trabalho era suave, é porque os operarios eram em grandissimo numero. Além do que, não tinham os jesuitas meios de provar aos colonos sua abnegação, quando, a titulo de ordinaria, cobravam soldos avultados das rendas da colonia. Eram ainda então os religiosos da Companhia os unicos que havia nas colonias brasileiras; assim com elles tinha exclusivamente de travar-se a luta mui frequente entre o povo e o clero, quando este chega a alcançar grande preponderancia ou aspira a uma especie de supremacia nos negocios temporaes.

Tamanho foram os clamores levantados por esses e outros abusos, que o rei de Portugal escreveu uma carta a Mem de Sá, ordenando que cessassem as irregularidades commettidas contra os indios. Segundo ordens transmittidas por essa carta, reuniram-se o governador, o bispo, o ouvidor geral e alguns padres da Companhia e concordaram em diversos capitulos que foram assignados pelo governador, pelo bispo e pelo ouvidor. Entre esses capitulos, obra da mais refinada astucia dos jesuitas, havia estes: — que se algum indio se acoitasse nas missões dos jesuitas, *só sahiria de lá* por ordem expressa do governador ou do ouvidor, quando o reclamante *provasse* a legitimidade da posse e da servidão; — que os jesuitas só entregariam, dos indios que tivessem em suas aldeias, os que confessassem ser captivos, ou quizessem, livres, servir este ou aquelle colono; — que o morador que á força tomasse algum indio proprio, acoitado nas missões, perdesse, por esse simples facto, todos os direitos que antes tinha a elle, passando o indio a ficar aggregado (!) á Companhia.

«Estas disposições, commenta Varnhagem, foram tomadas com tanta latitude em favor dos jesuitas, que começaram os habitantes a queixar-se de que os padres os vexavam com arbitrios e sophismas sempre que podiam: mas o clamor foi geral, quando a experiencia mostrou os resultados delles, que não eram outros senão privar de braços o lavrador pobre, em favor da Companhia, que desde logo começou a medrar e a ganhar consideravelmente na cultura das suas terras, constituindo-se uma verdadeira associação industrial, com a qual nenhum capitalista podia competir.»

Os jesuitas alem de philauciosos especuladores eram grandes commodistas, muito ao contrario do que se apregoa das suas pretensas parcimonia e sobriedade. Quando, para nossa vergonha e desgraça, começou a se estabelecer da Africa para o Brasil a ignominiosa corrente da escravidão, os moradores, no dizer de Varnhagem, debalde apresentaram argumentos pedindo para o gentio do Brasil, no Brasil, as mesmas praticas e leis seguidas em Africa. Os jesuitas a tudo se oppunham, pela simples razão que da Africa não pretendiam elles o dominio: não lhes agradava o clima. Se algum dia, conclue Varnhagen, a Companhia de Jesus recobrar de novo o seu antigo desenvolvimento, tem que se desafrontar dessa accusação, passando a missionar nos sertões africanos, em que, na verdade a sua historia apresenta feitos de escaça importancia, na conversão de tantos milhões de almas que o povoam.

Os favores concedidos aos jesuitas, affirma Varnhagen, deviam de concorrer para que o governador Mem de Sá, aliás integro, e bom, mas desejoso de ceder seu posto, — não fosse rendido. Durante o seu governo, haviam os padres adquirido no Brasil tal ascendencia, que já para o fim tinham mais poder que o governador. Por uma carta regia obtiveram elles, para fabricarem dois collegios, o producto das condemnações e penas pecuniarias impostas pelas magistraturas judicial e administrativa, com o direito de nomearem o recebedor; e por outra carta regia foi ordenado ao governador geral que confirmasse as datas e doações de terras a elles feitas (!), ainda que não as houvessem bemfeitorisado, sem embargo de quaesquer ordens ou direito (?) em contrario. Um alvará, de 5 de maio de 1570, recommendou — que se pagassem pontualmente o que se lhes devesse de seus ordenados; e isso mesmo se repetiu depois em outro alvará, de 14 de fevereiro de 1575. (Vide «Hist. Ger. do Brasil», 2.ª edic., vol. I, pag. 323).

Diante de factos dessa natureza, quem será capaz de admirar-se do quanto affirmei sobre os jesuitas na minha noticia historica sobre os Campos dos Goytacazes? Si os bobalhões dos padrecos do vista curta, porque esses, por sua inopia mental, se espantam de tudo e de tudo se embasbacam.

No outro artigo tratarei da perniciosa passagem dos jesuitas pelas virgens terras do Brasil.

Mucio da Paixão.

DA PORTA DE EUROPA

Em França: a luta social continua — Átila em Marrocos e Hervé no tribunal — A famosa civilização europeia — Aplicam-se as «leis sceleradas» e protesta-se ruidosamente contra elas — Uma grandiosa manifestação — O que é o «Soldo do Soldado» — Sempre a justiça de classe ou os dois pesos e duas medidas.

LISBOA, 21 DE JANEIRO

Em França... caiu o ministerio e foi substituido por outro «de negocios», mas não é disso que pretendo ocupar-me. A vida social não sofre grande alteração com esses ligeiros incidentes; nem a luta de classes perde a intensidade, sendo até provavel que devam desenganar-se os raros optimistas que esperavam uma anistia política geral.

Hervé recebeu ha dias, alem duma multa de 500 francos, mais 3 meses de prisão para juntar à sua conta. Escrevera um artigo intitulado *Átila em Marrocos* e nele apodara de bandidos os soldados da «civilização». Auglay, julgado com Hervé, desenhara uma escola marroquina, que a redacção de *La Guerre Social* explicava com estes dizeres: «*O professor*: Que é um francês? — *O menino Ali*: Um homem que rouba tudo, queima as aldeias, mata as mulheres e as criancinhas...» Preço: 200 francos de multa. Auroy, editor responsavel do jornal, foi gratificado com 2 meses de prisão e 500 francos de multa.

Numa bela e comovente defesa, que mais parece um libelo, Hervé justificou-se amplamente, pintando com documentos indiscutiveis e testemunhos insuspeitos o monstruoso da obra «civilizadora» em Marrocos — como em Tripoli. E' o morticinio estupido e escusado de populações pacíficas e laboriosas, sem poupar mulheres e crianças, é o incendio de povoados e de searas, é o fuzilamento de prisioneiros, é a pilhagem desenfreada. E tudo para quê? Para saciar as cubiças de alguns sindicatos financeiros internacionaes, que não podem esperar a lenta penetração pacífica. Tudo sem proveito algum para a grande massa do país conquistador. Tudo com enorme dispendio de riquezas, que bem melhor emprêgo teriam na metrópole em obras de solidariedade, em grandes trabalhos de interesse geral, no melhoramento dos portos e canais, na renovação da maquinaria industrial.

Em quanto Hervé é condenado por proclamar vibrantemente tão indestrutiveis verdades, tambem por «delito» de pensar as chamadas «leis sceleradas», que Caillaux despertou do seu sono, entregam aos tribunais correccionais alguns militantes operarios, como Dumoulin, Broutchoux, Viau, Dumont e Baritaud, expondo-os a penalidades que podem ir até à relegação perpétua!!

Naturalmente, a Confederação Geral do Trabalho organiza uma energica e ruidosa campanha contra a aplicação e contra a propria existencia das citadas leis, outrora tão combatidas pelos «dreyfusistas» hoje dominantes.

No dia 12 deste mês, quando começou o julgamento de Viau, Dumont e Baritaud, uns quarenta mil manifestantes protestaram em frente do Palacio de Justiça e realizou-se um imponente comicio.

Qual o «crime» dos três? Simples mandatarios do sindicato dos pedreiros, remeteram a alguns soldados, ainda ha pouco companheiros de trabalho e membros da associação, uma circular em que lhes era lembrado o seu dever de solidariedade para com os trabalhadores: que contra estes jamais fizessem uso das armas e que em volta propagassem a mesma ideia, sendo para isso posta á sua disposição a quantia de 12 francos. E' a instituição do *Sou du Soldat*, fundado num congresso operario e antes tão elogiada pelos dreyfusistas. Na *Lanterne*, Briand, actual ministro da justiça gabou em tempos uma circular ainda mais incisiva. Era no tempo em que oficiais católicos, alegando obediencia às suas crenças íntimas, recusavam executar ordens contra as congregações. E não são apenas os oficiaes que teem uma consciencia. Demais a alta roda alimenta igualmente um *Sou du Soldat* para animar o soldado, «ultimo baluarte da sociedade nas guerras, nas GREVES e nas catástrofes» *(sic)* — e a circular desta associação não é processada.

Neno Vasco

Jesuitismo agudo — cura-se com duchas da Lanterna.

Relembrando o crime

Está novamente na ordem do dia o caso Idalina.

Parecia que o tão tenebroso facto que tanto preoccupou o povo de S. Paulo estava para sempre esquecido.

A decisão correcta e honestissima do Jury de S. Paulo, absolvendo a fantastica Maria Luiza ou Itala Fonte, fez com que o publico se lembrasse de novo desse horrivel crime em que a pobre Idalina foi victima da sanha lubrica e assassina do reverendo Consoni.

E agora permitam-me uma pergunta.

Depois da decisão do Tribunal do Jury, porque é que a Justiça não manda para a prisão o padre Consoni e todos os padres e freiras do Orfanato que affirmaram terem-na visto sair de lá?

Antes a falar eram os anti-clericaes, hoje quem o affirma é o Tribunal do Jury, absolvendo a bi-mulher fantastica, que era o essencial apoio dos padres.

E digam-me se já não é o sufficiente para dar alguns annos de cadeia a esse padre estuprador e assassino de indefesas criancinhas?

O que espera a justiça?

Qual a sua missão?

Porque não ordena a prisão do padre Faustino Consoni?

Porque não manda fechar o orfanato sinistro, theatro de tão lugubres dramas?

E' preciso que a Justiça em algum sentido providencie para que o padre Faustino não escape á pena que já ha muito deveria estar cumprindo.

Chega de tantas farças e mystificações; a hora da punição já soou: a nada mais deve-se esperar.

E o povo? O povo, esse que ha um anno aproximadamente foi varrido a chanfalho e pisado pelas patas dos cavallos dos asséclas da policia?

Quando é que esse povo estará disposto a protestar novamente contra a justiça que ainda trepida em condemnar os padres criminosos?

Vamos, povo! protesta contra esta nova affronta!

Vamos, companheiros! façamos com que a morte da pobre Idalina seja vingada!

Obriguemos com o nosso protesto a justiça a punir o padre Faustino e toda a canalhada que dirige o famigerado antro de deboche e de vicio.

Protestemos! Só com o nosso protesto na praça publica é que os tyrannos que nos governam tomarão as devidas providencias para que seja punido o padre infame que estuprou e assassinou a pobre Idalina.

S. Paulo, 12 — 2 — 1912.

J. C.

HOSTIAS AMARGAS

Certa vez, queixava-se á nós um padre de nossas relações da severidade com que o publico fiscaliza a conducta dos sacerdotes catholicos, mostrando-se por demais rigoroso para com qualquer delles que commetta uma falta de maior gravidade, quando os padres não passam de homens como os demais e portanto capazes de todas as fraquezas, de todas as fragilidades inherentes á natureza humana.

— E' curioso, dizia elle. Pecca o advogado, pecca o medico, pecca o industrial, pecca o jornalista, pecca o operario e ninguem acha nada a dizer. Ai! porém do padre que é apanhado na prática de um acto reprovavel: toda a gente lhe cai em cima e... *crucifige, crucifige*...

— Mas, meu reverendo, observamos-lhe, o publico tem razão e devemos mesmo dizer-lhe que ainda não é tão implacavel para a vossa classe quanto deveria ser.

Em primeiro lugar, o Evangelho, esse Evangelho que, diz Condorcet, o povo lê porque não vos é dado lh'o arrancar das mãos, tanto os seus preceitos estão em desaccordo com a vossa conducta, vos dá a funcção de *sol da terra*, accrescentando que, se esse sol se derrancar, apenas serve para ser posto fóra — *mittatus foras*.

Depois, vós e os vossos irmãos vos apresentais em toda a parte como superiores em santidade, em virtudes e em merecimentos aos demais homens, quando não passais todos de verdadeiros Tartufos que, sob a capa da hypocrisia, vos dais a todos os vicios que, em publico, profligais como enviados e representantes de um Deus justiceiro e vingador.

O advogado, o medico, o industrial, o jornalista, o operario não aconselham a ninguem o desapego dos bens terrenos, dos gosos materiaes, para adquirirem direito a uma bemaventurança, emquanto que vós outros, ao passo que pregais a pobreza, a abnegação, as penitencias, a humildade, do mundo só deixais de aproveitar aquillo que não vos está ao alcance, e, ainda por cima, contais mathematicamente com outra existencia de gosos e venturas sem termo, inextinguiveis.

Vós fazeis profissão de santos, de puros, de castos, de caridosos, sem possuirdes siquer laivos de taes qualidades. Portanto, é justo que o povo vos chame a vós, de preferencia, ás contas, não se preoccupando com aquelles que não fazem, como vós, alarde de superioridade sobre os outros homens e nem lhes dão para oscular as mãos e a barra das vestes.

Essa mesma observação, que acabais de nos fazer, caro reverendo, já foi tambem, ha quasi duzentos annos, apresentada a Voltaire que lhe deu a seguinte resposta:

«Dir-se-me-á que só falo dos crimes dos ecclesiasticos e que deixo em silencio os dos seculares. E' que as abominações dos padres, principalmente dos padres papistas, formam o maior dos contrastes com o que elles prégam ao povo; é que elles aggravam os seus innumeros crimes com um crime talvez não menos espantoso — o da hypocrisia; é que elles são tantos mais culpados quanto mais puros deviam ser. Elles insultam o genero humano; elles persuadem imbecis a se enterrarem vivos em um convento. Elles prégam penitencias e administram os seus olios e ao sairem dali, vão engolfar-se na volupia ou refocilar-se na carnificina; é assim que a Igreja tem sido governada desde os furores de Athanasio e de Arius até hoje.»

O reverendo ouviu-nos em silencio e depois, encolhendo os hombros com ar de supremo desdem, despediu-se de nós, dizendo:

— Os padres todos façam como eu que vivo como entendo, sem dar satisfações a ninguem. Moro no que é meu, como do que é meu, procedo como me apraz e... *viva eu quente e ria-se a gente.*

Ignoto.

Secção amena

O Chico Banana entrou ha pouco para o serviço dum padre decrepito e rabugento, atacado de gota e de tosse, o qual lhe recommendou vivamente que se abstivesse com todo o cuidado de o contrariar ou contradizer, fosse no que fosse e dissesse elle o que dissesse, sobretudo em occasião de ataque.

O Chico prometteu e cumpriu. Não só não contradiz o tonsurado, mas confirma e exaggera o que elle diz. Assim ha dias o sotaina, após uma crise gemia:

— Ai! meu Deus! de que serve viver, quando se soffre assim?

— V. rev. tem razão! acode solicito o criado fiel. — Ha muito tempo que v. rev. devia ter morrido!

Na aula de catecismo:

— Quem creoou estes bellos campos, estas florestas, estes prados, estas montanhas que estás vendo daqui?

— Não sei, sr. vigario; ainda não faz dois mezes que viemos morar nesta freguezia!

A freirinha:

— Os anjos estão vestidos de branco, teem asas e voam.

Uma pequena:

— Mas a senhora anda de preto, não tem asas e não voa: como é então que é um anjo?

— E quem te disse que sou um anjo?

— Foi o sr. vigario que esta manhã o disse á senhora!

Esta é de Frederico W. Taylor:

— Não — exclamava S. Pedro á porta do paraiso; — não o posso deixar entrar. Você faltou a todos os deveres da religião; até renegou o creador. O seu lugar é no inferno e não no ceu.

Tendo assim falado, fechou a porta ao recem-chegado. Este reflectiu um instante, depois pôs-se a gritar:

— Cócórócó! cócórócó! cócórócó!

Ouviu logo puxar o ferrolho, a porta abriu-se e elle foi admittido.

Pouco depois um anjo pergutou a S. Pedro por que motivo mudara elle logo de opinião.

— E' que o canto do gallo trouxe-me tão penosas recordações, que não ousei mostrar-me severo.

"IDEAL"

Esta magnifica allegoria de Firmino Sagristá, da qual os nossos leitores viram uma reproducção na primeira pagina do nosso numero especial de 13 de outubro, encontra-se á venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da *Guerra Social*, Caixa postal, 1427, Rio.

E' vendida em beneficio do mesmo jornal a 300 réis cada exemplar.

— Eis um servicinho bem feito, meu valente!

Os missionarios

No parlamento belga foram distribuidos documentos proporcionados pelo deputado Vandervelde sobre a situação dos indigenas no Congo belga.

Vandervelde estabelece que a justiça conguesa reunira, em 1908, varias provas contra um missionario catholico, o religioso V... Este amarrara, com os braços em cruz e os pés atados, um indigena que viera queixar-se de ter sido roubado por empregados da missão. O indigena ficou nesta posição todo o dia; á noite, conseguiu partir os laços e fugir. O padre V. agarrara e prendera de pés e mãos outro indigena que se apresentára na missão com um tributo insufficiente. A despeito da confissão do missionario, o procurador geral interino hesitou em processa-lo, com receio, declarava elle no seu relatorio, do mal que do processo adviria aos missionarios catholicos. Mas o procurador geral Weber enviou ao tribunal o culpado. E o dia do julgamento estava já fixado, quando o ministro das colonias, em carta de 17 de junho de 1910, ordenou o esquecimento deste caso...

Por uma rixa entre pretos, um cabo de policia conduziu ante outro missionario um indigena, dizendo que este o pretendera matar. O missionario sacou de um revólver e matou o preso. O prefeito apostolico, defendendo este criminoso, allegou a sua irresponsabilidade, visto ter tido a doença do somno, embora nenhum exame medico lhe fosse feito. O assassino foi absolvido, achando o juiz que elle estava atacado de «sudanite», e depois de ter ido á Europa em 1909, de novo voltou ao Congo como missionario.

As quintas-capellas dos jesuitas encerram alguns milhares de individuos que escapam completameate á acção dos chefes indigenas e á do Estado até. Entre elles ha 650 crianças, das quaes são roubadas pelo menos nove décimos. Tal systema é origem de innumeros conflictos, e ente os indigenas ha tamanho odio e tão vivo terror dos jesuitas que, quando Vandervelde passou pela região, em dezembro de 1910 e janeiro de 1911, á sua aproximação fugiam aldeias inteiras, por se ter espalhado o boato de que elle ia buscar crianças para os missionarios.

Vandervelde cita e documenta ainda outros abusos de caracter geral, que envolvem a responsabilidade dos chefes e da policia, dignos cooperadores dos «missionarios de Christo» na «civilização», dos povos selvagens.

Festa democratica allemã

Um grupo de allemães, partidariôs das novas correntes de ideias, realizou no sabbado uma festa para solennizar a victoria do Partido Socialista Democratico nas ultimas eleições verificadas na terra classica do militarismo imperialista.

A soirée correu bastante animada, tendo usado da palavra os srs. Ricardo Heinritz, A. Otto Uhle e Alfredo Fahr, que discorreram em allemão sobre a propaganda socialista.

O companheiro que nos representou tambem falou, augurando que a grande legião dos votantes socialistas allemães se transforme dentro em breve em força real e activa no campo dos que lutam denodadamente pelo advento de uma nova organização social baseada na igualdade e na justiça.

Durante a alegre festa executou afinados trechos de musica a Banda Musical Internacional, de que é maestro o sr. Florindo Tosi.

Foram cantados em coro diversos hymnos socialistas.

Agradecemos o convite que nos offereceram e as attenções dispensadas ao nosso representante.

Protestos sertanejos

Amigo Geromo. Fundão.
Cumo eu tinha prumetido
Que logo que aqui chegasse,
Contá o que foi sucedido
E um tellegramo passaci,
Inantes qui fosse sabido,
Se os pade desembarcace,
E se foi bem recibido.

Não foi não, mais deu na mesma.
E' coisa que aqui não farta.
Vai sempre se esparramando,
Que nem sordado sem carta
E sem orde de cumando,
Ou vaca já muito farta,
Do capim qui vai pastando.
Nosso cobre e nossa prata

Agente fica mesmo bócó,
Quando vê esta profia:
Uns republica a procamá,
Outros qué a monarquia,
Uns, vai na egreja rezá,
Outros, vai na são cristia
Disse qui bem vai pregá
Mais só prega porcaria.

Eu cumo veio minêro
E cumo pai de famia.
Já do papa escumungado,
Por não querê dá um fio
Ora sê irmãn de mal criado,
E irmãn de santa maria.
Mas sinto-me já arretirado
Desta chuja porcaria,

Neste imbruio não vô mais.
Pois fiz o meu juramento,
E hei de sempre protestá
Confição e sacramento
E meu dinheiro gastá,
Pra segui meu pensamento
Destinado a escangaiá
Có as egreja e có os convento.

Junto eu mando um jorná
Que publicô um retrato
Duma vitima da desgraça,
E' a inocente Stamato,
Pois toda gente embaraça,
E deixa o pade no matto.
A poliça sempre em caça
Mais num acha nem o rasto.

Eu penso que, aqui mesmo,
Por ahi, neste momento,
Anda tudo embaraçado.
Porque? Não leva o intento,
Pô tudo desembruçado,
Fazendo um caçamento,
Que juro ser aprovado:
E' uma busca nos convento.

Ahi é que nois veria,
A grande descobrição,
Pegando toda fradaria
Pôr tudo na correição,
Descobri as porcaria,
Que fazem por divução
Na rua e na sacristia,
Das egreja no barcão.

Mais porém fêxando esta
Peço a ninguem contá
P'ra não havê berração
E a minha famiá assustá
Di eu perdê a divução.
Pra Itú vô embarcá
De lá escrevo a relação.

JACINTHO TOPINAMBÁ,

Teu amigo ao curação.

Porque seria?

EM MERCÊS DO POMBA, O POVO TENTA LYNCHAR O VIGARIO

Com o titulo acima publicou o *Correio da Manhã* o seguinte telegramma:

BELLO HORIZONTE, 5 (American Office) — Telegramma aqui recebido hoje informa achar-se restabelecida a ordem na villa de Mercês do Pomba, onde a população pretendia assassinar o vigario Luiz Carlos, que se viu obrigado a fugir para Livramento.

Este reassumiu hoje o exercicio da parochia, depois das providencias tomadas pessoalmente pelo delegado auxiliar, dr. Herculano Cesar, que para ali seguiu com 15 praças.

Que terá feito o bom vigario Luiz para levantar assim contra a sua pessoa todas as boas almas de Mercês do Pomba?

O diabo ter-se-ia mettido no corpo dos pacatos habitantes da villa mineira para quererem assassinar o seu vigario?

Esperavamos anciosos uma explicação pelo telegrapho, dando-nos as razões do succedido, porém até hoje os jornaes nada adiantam a respeito, o que fez suppor ás más linguas que ha interesse para a santa religião em não mais falar-se no caso.

O certo é, porém, que as autoridades locaes não acharam motivo plausivel para a colera popular, pois padre Luiz já tinha reassumido o exercicio da parochia, protegido pela força publica.

Nós é que não estamos satisfeitos com a solução dada ao caso e pedimos uma reparação, um castigo exemplar para os principaes autores da grave affronta infligida á pessoa do vigario e á nossa santa religião Catholica Apostolica Romana.

Um sacerdote não pode ser assim desrespeitado e lamentamos não estarmos mais nos bons tempos das fogueiras purificadoras, porque meia duzia, pelo menos, dos que tomaram parte no levante havia de pagar bem caro o acto temerario que commetteram, para exemplo dos outros.

Então não comprehendem os pais, os maridos, os irmãos, a gente emfim da villa, que a pessoa dos ministros de Deus é sagrada; que tudo que ella toca se purifica?

Não sabem que elles tiveram e continuam a ter todos os direitos neste mundo, inclusive o de *pernada*, como os antigos nobres, civis ou ecclesiasticos?

Já viram rebanho algum revoltar-se contra o seu pastor por este, de vez em quando, escolher dentre as suas ovelhas a mais gorda e sã para um dia de festa?

Não, por certo.

Tratai de tomar juizo, boa gente de Mercês do Pomba, se não quereis que sobre vós cáia, implacavel, a colera divina.

Não toqueis nunca na pessoa do vosso bom vigario Luiz Carlos. Lembrai-vos que por este nosso amado Brasil afóra, por este mundo de Christo ha milhares de vigarios como elle, bons filhos... de Deus, que ahi estão para vos guiar no bom caminho, para vos enfeitar a fronte pura, com os galhos floridos de todas as virtudes, bellos ornamentos com que comparecereis um dia diante d'Aquelle que tudo vê, tudo ordena e tudo pode!

Ou baixastes ao nivel moral daquelles platinos de Zarate que obrigaram a sua Justiça a mandar para o carcere o capellão Lasseyete, sómente por ter este *sagrado* algumas duzias das suas ovelhas?

Não, na terra que tem a honra de possuir um Cardeal romano, é preciso não esquecer, estes costumes pagãos não podem vingar.

Que diria S. Santidade, lá na cidade eterna, se de ovelhas que sois vos transformasseis em lobos vorazes, em, o que é peor, malagradecidos, depois da alta distincção a vós dada de terdes por chefe, por pai amante e carinhoso um principe da sua igreja?

Fazei penitencia, emendai-vos sem mais demora, se quereis obter o perdão.

Agora outra cousa: vosmeçês não viram por ahi, não me podem dizer — Onde está Idalina?

E' favor, sim?

Adrecal.

Barbaridade!

Tres policias espancam infamemente um trabalhador — Resultados da instrucção para o mal.

Estupida, barbara, infame! Inqualificavel!

Não necessitamos deter-nos em demorados detalhes, porque a imprensa diaria já della se occupou minuciosamente.

Pode ser relatada em duas palavras.

Um trabalhador, residente na Agua Branca, teve um bate-bocca com um outro individuo, que foi fazer queixa á policia.

O passageiro incidente parecia terminado, recolhendo-se o citado trabalhador, que se chama Manuel Liria, á sua residencia.

Alta noite, pelas 2 horas da madrugada, foi elle estupidamente despertado por tres praças de policia, que o foram prender.

Como se elle negasse a sair áquella hora, os tres barbaros invadiram-lhe a casa e arrastaram-no para a rua.

E dessa mesma forma foi o pobre homem levado até o posto policial.

Durante todo o trajecto da sua casa até ao posto, que é grande, foi barbaramente espancado com os espadins, a pontapés e a soccos.

De nada valeram os seus gritos de dôr, as suas angustiosas lamentações.

As tres feras não se commoveram.

Tombando aqui, levantado a pancadas, arrastado como um animal morto, chegou o desgraçado á delegacia.

Ali o seu martyrio chegou ao paroxismo.

Vencidos pelas pancadas, caiu ao chão, atirando-se sobre elle os tres carrascos, que continuaram a espanca-lo com uma ferocidade indiscriptivel.

Depois de lhe deixarem as costas em um estado horrivel, viraram-no para completarem a sua obra.

E o golpe de graça foi dado.

Felizmente, o terrivel golpe, dado de corte, foi amparado pelo relogio, que ficou inteiramente achatado.

Foi a sua salvação.

Concluido o grande feito d'armas, deixaram-no p'r'ali, atirado no chão duro e humido.

Depois abriram-lhe a grade da prisão e mandaram-no embora.

Tivemo-lo aqui na redacção.

Ah! caro leitor, deverias vê-lo!

Que infamia, que barbaridade!

Já pelo rosto patenteava-se o quanto tinha soffrido. Tinha-o todo arroxeado, os olhos inflamados e circundados de manchas negras.

Quiz, porém, mostrar-nos a obra de civilização policial em toda a sua inteireza.

Despiu-se. E poderão imaginar o que vimos. O corpo do infeliz trabalhador estava inteiramente coberto por uma só mancha negra,

E como deveria estar? Tres brutos a bater-lhe com o espadim!

Commentarios? Faça-os quem quizer.

O facto ahi está, vivo, a chamar a attenção dos que ainda têm sentimentos sãos.

Basta-nos dizer que a instrucção e os exercicios na arte de maltratar e matar o proximo não têm sido perdidos.

Pense agora cada um que amanhã poderá cair nas mãos de taes feras.

E chega.

Para presidente do Estado

Padre Faustino Consoni — *director do Orfanato Christovam Colombo, que deverá responder:* **Onde está Idalina?**

Para presidente do Estado

Padre Faustino Consoni — *director do Orfanato Christovam Colombo, que deverá responder:* **Onde está Idalina?**

DIVERSÕES

THEATRO COLOMBO — Durante a semana que finda, tivemos no *Colombo* bem bons espectaculos cinematographicos.

A sua empreza continúa a caprichar na escolha dos films com que organiza os seus sempre apreciados programmas.

Agora está sendo ali exhibida a fita dos funeraes do barão do Rio Branco.

Na *matinée* de amanhã serão apresentados boas fitas.

THEATRO VARIEDADES — Está trabalhando actualmente neste theatro a Companhia Nacional de Operetas, dirigida pelo conhecido emprezario R. Faria.

Para hoje está annunciado a interessante revista *Tim-Tim*.

THEATRO CASINO — Os seus programmas desta semana foram abrilhantados com diversos numeros de successo, que bastante têm agradado aos seus habituées.

Na *matinée* familiar de amanhã apresentar-se-ão os melhores numeros.

CINEMA CONGRESSO — O excellente salão da praça dr. João Mendes tem sido pequeno para conter a grande concorrencia que attraem os seus bem organizados espectaculos de cinematographia.

Amanhã á tarde teremos ali uma nova *matinée*.

Vida operaria

EM S. PAULO

Os sapateiros — A classe dos trabalhadores em fabrica de calçado estão tratando da organização de uma sociedade que possa tornar effectiva a defesa dos seus interesses.

Com esse intuito já foram realizadas duas reuniões.

NO SALTO

Ha já mais de 15 dias que se encontram em greve os operarios da fabrica de tecidos Italo-Americana de Salto de Itú.

O motivo da greve foi uma reclamação feita á empreza de um pequeno augmento de salario.

A solidariedade entre os grevistá é completa, mostrando-se todos dispostos a manterem-se em movimento.

Esta deverá ser endereçada ao padre Faustino Consoni, Orfanato Christovam Colombo.

Esta deverá vir com nosso endereço somente.

"Francisco Ferrer"

Já temos á venda os ns. 15 e 17 desta bella revista de propaganda do ensino racionalista, publicada em Buenos Aires.

O n. 15 traz os discursos pronunciados por occasião da inauguração do monumento a Ferrer em Bruxellas e o n. 17 é dedicado ao celebre naturalista Darwin.

Custa 300 réis o exemplar.

Pequenos écos

Casamento — O nosso correligionario J. Luiz Anesi, residente no Rio, participa-nos o seu casamento com a sra. d. Odette Gerin Anesi.

Parabens.

Boas festas — Devido ao atraso do correio, só agora nos chegou ás mãos o cartão de boas festas do sr. Abdias Neves e sua exma. familia, de Therezina, Piauhy.

Agradecemos e retribuimos.

Gremio do Commercio — Esta velha sociedade desta capital participa-nos a eleição e posse dos novos corpos gerentes que a deverão administrar durante o corrente anno.

Visita — O nosso presado correligionario Deocleciano Mello, residente em Espirito Santo da Forquilha e que se encontra ha alguns dias em S. Paulo, deu-nos o grato praser de sua visita.

Agradecidos.

Participação — O Centro Espirita Celso Garcia, desta capital, participou-nos a eleição das commissões administrativas que o deverão reger durante o corrente anno.

Bilhetes e recados

Victoria — J. Comesanha: Já te remettemos diversos pacotes para a propaganda. Deste n. em diante irão dez exemplares. Saudações dos amigos.

Buenos Aires — B. Herrero: Recebi o n. 17; o 16 ainda não veiu. O almanack já appareceu? Já se entendeu com o camarada M. M.? Salud!

Mirahy — J. L.: Já lhe remettemos, assim como aos dois outros endereços, tres pacotes para a propaganda. Saudações.

Sertãozinho — M. de A. F.: Foi remettido o seu pedido. Obrigados pelas boas referencias Saudações.

Ribeirão Preto — A. Castiglione. De bom grado acceitamos o seu offerecimento. Poderá inicia-las quando quizer. Saudações.

Los Angeles — R. F. Magou: Recebemos todos os pacotes dos jornaes do Mexico. Havemos de nos occupar novamente do vosso bello movimento, que continúa a despertar aqui grande interesse. Saudações aos camaradas.

Batataes — Cap. J. P. Sebastião: Transferimos a remessa de Anadia e Cantanhede para essa cidade. Seguiu o livro. Saudações.

Rio — Fonseca Moreira: Muito rasoavel a sua resolução. Saudações.

Sorocaba — J. Revier: O jornal tem seguido para o endereço que nos foi dado. Já sabia do paradeiro do nosso santarrão. Voltarei á carga. Saudações dos amigos.

Jundiahy — Araré: Recebemos o artigo, que será publicado. Saudações.

Sallesopolis — T. M. da Silva: Já não nos resta nenhum exemplar do postal annunciado. Os 10 exemplares do n. especial foram remettidos. Não temos transações com a casa citada. Vou procurar o livro citado numa livraria italiana daqui. Saudações.

Ponta Grossa — P. C.: Recebemos os 20$ de sua assignatura e do sr. F. Pina. Foram remettidos os recibos e os premios. Saudações.

Descalvado — J. F. Moreira: Fizemos a transferencia do seu endereço. Saúde!

NUCLEOS DA VANGUARDA

NO CEARÁ

Em 18 de novembro do anno findo, fundou-se em Fortaleza, Ceará, mais um centro libertario, que tomou o titulo de Grupo de Propaganda e de Combate Pró-«Guerra Social».

O seu objectivo, como o seu titulo indica, é propagar o principio libertario e combater todas as formas de oppressão.

EM SANTA CATHARINA

Em Florianopolis cogita-se da fundação de uma liga anticlerical.

Oxalá essa noticia se confirme o mais breve possivel.

Azeite para a "Lanterna"

Recebemos mais os seguintes donativos para o azeite da *Lanterna*:

Sr. José Sellero, do Rio,	1$000
Sr. Luiz A. Dal Molin, do Rio,	1$000
Sr. José Gonçalves Novelli, de Espirito Santo da Forquilha,	5$000
Sr. Candido Pinto da Silva Vallado, de Espirito Santo da Forquilha,	5$000
Sr. José Lara, da Lapa,	500
Sr. P. F. Pinto, de Uberabinha,	2$000

«A LANTERNA»

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO DE BARBEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 166.

AGENCIA DE JORNAES do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37.

AGENCIA DE JORNAES, rua S. Caetano, 230.

SALÃO DE ENGRAXATE, rua Barão de Itapetininga, 77.

SALÃO DE ENGRAXATE, rua 15 de Novembro, 4.

SALÃO DE ENGRAXATE, largo da Sé, 5-A.

ENGRAXATE, Largo da Sé, 4.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda.

São vendidas ao preço de 1$000 pagando mais 200 registrada pelo correio.

FRANCISCO FERRER

Espledida revista racionalista illustrada, de Buenos Aires.

Vende-se, a 300 réis o exemplar, em nossa redacção e na agencia de jornaes da rua 15 de Novembro, 37.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se *A Lanterna* a 200 réis o numero avulso

Catecismo atheu

Excellente folheto, contendo 32 paginas de propaganda antireligiosa, escripto em linguagem simples e em forma de dialogo, por Brito Bethencourt

Custa 200 réis cada exemplar.

Jornaes de propaganda

O companheiro José Sanches, residente a rua Monsenhor Anacleto, 37, no Braz, com o intuito de desenvolver aqui a propaganda em hespanhol, recebe e tem á venda os seguintes jornaes: *Regeneración*, orgam dos revolucionarios mexicanos, de Los Angeles, Estados Unidos; *Tierra!*, de Cuba e *Tierra y Libertad*, de Barcelona.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Na rua do Senado, 63.

Avenida Passos, 120 (engraxate).

Rua Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Leonardo Bettino.

Rua da Saude, 221, com o sr. João Perrotta.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Largo de Santo Cristo, com o sr. Antonio Fittipaldi.

Estação Central, com o sr. Raphael Mauro.

Largo da Lapa, 112 com o sr. Januario Cascardi.

Rua 1º de Março — Agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario (exgraxate).

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, (egraxate).

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Avenida Central, no edificio do Lloyd (engraxate).

Rua Souza Franco, 68, com o sr. Sperduto — V. Izabel.

Largo dos Leões, com o sr. Natan Carelli.

Rua Uruguayana, 202, com M. J. Pereira.

"El Motin"

Este excellente periodico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Nakens e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado. está á venda á rua do Gazometro, 115, a 200 réis o exemplar.

Leiam! propaguem! o

Evangelho da Hora

que se destaca fortemente, pela sua originalidade, pela sua belleza literaria, pela simplicidade do seu estylo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens.

E', não uma parodia, que poderia caír no ridiculo, mas uma sentida, uma empolgante, uma commovedora paraphrase do Evangelho, em que os versiculos são phrases lapidares e profundas, em que as parabolas fulguram com intenso e crystallino brilho.

Preço:

Um cento. . . . . 6$000

Avulso. . . . . . 200 réis

Os pedidos de folhetos acampanhados da relativa importancia devem ser enviados a Pedro Frigerio, rua Rubino de Oliveira n. 28, S. Paulo.

Grupos "Aurora" e "Libertas", editores.

Bibliotheca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registo do Correio:

Primeira série, já publicada:

La Lujuria del Clero, segun los concilios.
El Diablo, por Roberto Robert.
Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.
El Romance Anticlerical, por varios autores (primero tomo).
El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordeix.
Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.
Monita Secreta de los Jesuitas.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Iglesia, por Pótvin.

2.ª Série em publicação:

Dios, por Suñer y Capdevila.
Los Milagros, por Roberto Robert.
Lo que comen los curas, por Frey Gerendio.
Viaje al Infierno, por José Nakens.
La libertad de ensiñanza, por Edmundo Gonzalez.
La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.
Sonetos Piadosos, por varios.
Retratos de José Nakens, 1$500 réis.

Novo postal

Um companheiro mandou vir e entregou-nos para serem vendidos em beneficio da Escola Moderna, algumas dezenas do bello postal *Montjuich*, reproducção do extraordinario quadro de Firmin Sagristá — *Ultima visão*.

Está á venda em nossa redacção, a 100 réis.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

M. Gorki, *Os amassadores*	$200
A. de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
H. Malatesta, *Programma socialista anarquista-revolucionario*	$100
Pedro Kropótkine, *O Communismo Anárquico*	$100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro*	2$000
Jesus Christo nunca existiu, Bossi	$800
Religião e Evolução, E. Haeckel	1$500
Sociologia Fundamental, Benteo	5$000
Dôr Universal, Faure	1$500
Brito Bethencourt, *Catecismo Atheu*	$200

EM HESPANHOL

J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*	$100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
André Girard, *Educación y Autoridad Paternal*	$100

EM ITALIANO

Dottor Nicoló Converti, *Che cosa é il Socialismo*	$100
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti*	1$500
Almacco Libertario illustrado 1909	$300

EM FRANCEZ

Les Prisons, Pierre Kropotkine,	$300
L'Esprit de Révolte "	$200
René Chaughi, *La Femme Esclave*	$100
Jean Grave, *Léntente pour l'action*	$200
Elisée Reclus, *Amon Frére le Paysan*	$200
Jean Grave, *Si j'avais à parler aux Electeurs*	$100
Charles Albert, *Patrie, Guerre, Caserne*	$200
Elisée Reclus, *Evolution e Revolution*	$200
A. Girard, *L'Enfer Militaire*	$300
Urbain Gohier, *Aux Femmes*	$100
E. Malatesta, *Entre Paysans*	$300
M. Nettlau, *La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvrière*	$200

* * *

Só podemos attender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.

Limeira, com o sr. José D'Urso.

Florianopolis, com o sr. Valentim Farinhas, rua Republica, 4.

FOLHETIM DA LANTERNA

(37) JOSÉ RIZAL

Noli me tangere

(O Paiz dos frades)

Romance tagalo de 1886

(Especialmente traduzido para *A Lanterna*)

XXVIII

VÆ VICTIS!

homem tão estupido como o alferes podia gostar de semelhante estafêrmo.

A offendida senhora levantou-se, como se a tivesse mordido uma vibora, e correu para o preso com intenção de o esbofetear.

— Amordacem-no! — gritou o alferes, trêmulo de ira.

Era exactamente o que Társilo queria, e por isso os olhos brilharam-lhe de alegria.

A um signal do alferes, um guarda, armado de um bambú, começou a sua triste tarefa. Todo o corpo de Társilo se contrahiu, ouviu-se um rugido prolongado apesar do lenço que lhe tapava a bocca; baixou a cabeça; as roupas mancharam-se-lhe de sangue.

Frei Salvi, pallido e com o olhar extraviado, não perdia um pormenor do horrivel supplicio.

Por fim, o soldado deixou cair o braço, exhausto. O alferes, pallido de raiva e assombro ao ver que não dava tampouco resultado esta nova prova á qual fôra submettido o prisioneiro, mandou que o desligassem.

D. Consolación ergueu-se então e murmurou ao ouvido do marido algumas palavras. Este moveu a cabeça em signal de comprehensão.

— Ao poço com elle! — disse o alferes.

Os filippinos sabem o que isto quer dizer; em tagalo traduzem-no por *timbain*.

Não sabemos quem terá sido o inventor deste processo, mas pensamos que deve ser bastante antigo. Pelo menos deve remontar á chegada dos hespanhoes.

No meio do pateo do tribunal levantava-se a cercadura de um poço, feito grosseiramente de pedras vivas. Um rustico apparelho de bambú, em forma de alavanca, servia para tirar agua, viscosa, suja, e mal cheirosa. Todos os cantaros quebrados iam parar no fundo delle. Entretanto, nunca se tapava. Algumas vezes eram os presos condemnados a limpa-lo, não porque fosse util tal castigo, mas pelas dificuldades que o trabalho offerecia; encarcerado que ali descesse uma vez apanhava uma febre de que morria regularmente.

Társilo contemplava os preparativos dos soldados com o olhar fixo. Estava livido e os labios tremiam-lhe ou murmuravam uma oração. Parecia ter desapparecido, ou pelo menos enfraquecido a sua altivez.

Levaram-no para junto do poço, seguido por D. Consolación sorridente. O desventurado lançou um olhar de inveja para o montão de cadaveres e deixou escapar do peito um suspiro.

— Fala! — repetiu-lhe o "directorcillo." — Sempre te enforcarão, mas ao menos d'aqui até lá não soffrerás tanto!

Tiraram lhe a mordaça e suspenderam no pelo pés. Devia descer de cabeça e ficar algum tempo debaixo de agua.

O alferes puxou por um relogio para contar os minutos.

Entretanto, Társilo pendia com a comprida cabelleira ondeante e os olhos cerrados.

— Se sois christãos, se tendes coração — supplicou elle em voz baixa — descei-me com rapidez ou fazei de modo que eu bata com a cabeça na parede e morra. Deus vos recompensará por esta boa acção... Talvez vós vejais um dia como eu.

O alferes ordenou a descida com o relogio na mão.

— Devagar! devagar! — gritava D. Consolación seguindo o infeliz com a vista.

A alavanca baixava lentamente; Társilo roçava pelas plantas immundas que cresciam nas fendas. Depois a alavanca deixou de se mover; o alferes contou os segundos.

— Para cima! — mandou elle seccamente ao cabo de meio minuto.

O ruido das gotas caindo sobre a agua annunciou a volta do réu á luz. Desta vez, sendo maior o peso do balancim, subiu com rapidez. As pedras arrancadas das paredes caíam com estrondo.

Cobertas de ascoroso lodo a fronte e a cabelleira, cheia a cara de feridas e arranhões, e o corpo molhado, appareceu o pobre Társilo aos olhos da multidão silenciosa.

— Queres falar? — perguntaram-lhe.

O réu com uma tenacidade heroica moveu a cabeça negativamente.

A alavanca chiou novamente e o accusado tornou a desapparecer no negro buraco. O alferes contou um minuto.

Quando Társilo tornou a subir, as suas feições estavam contrahidas e arroxeadas.

— Confessas ou não? — tornou a perguntar o alferes.

Társilo mais uma vez acenou negativamente com a cabeça e mais uma vez o desceram.

Quando o tiraram, já as feições de Társilo não estavam contrahidas; as palpebras entreabertas mostravam o branco dos olhos; da bocca saía agua lodosa com fios de sangue... Estava morto!...

Todos se olharam em silencio, consternados. O alferes fez um signal para que o desprendessem e afastou-se pensativo. O padre Salvi, mais pallido do que nunca e com os olhos mais cavados, imitou-lhe o exemplo. D. Consolación applicou varias vezes a ponta do seu charuto ás pernas nuas do réu, mas o desgraçado não estremeceu, porque pouco antes deixara de soffrer para sempre.

O outro preso contemplava a scena tremendo e olhando como um tresloucado para todos os lados.

O alferes encarregou o "directorcillo" de o interrogar.

— Senhor! senhor! direi tudo o que o senhor quizer!...

XXIX

O MALDITO

Em breve se espalhou pela aldeia a noticia de que iam partir os réus.

As familias dos desgraçados corriam como loucas.

Iam do convento ao quartel, do quartel ao tribunal, e não encontrando consolação em parte alguma, enchiam o ar de gritos e gemidos. O cura tinha-se fechado, fingindo-se doente; o alferes augmentára o numero dos seus guardas, que recebiam á coronhada as mulheres supplicantes; o "gobernadorcillo", ser completamente inutil, parecia mais tolo e mais inutil do que nunca. Em frente do cárcere agitavam-se gesticulando as mulheres que ainda tinham forças; as que não se deixavam cair por terra chamando a gritos ás pessoas queridas.

O sol era abrasador e nenhuma daquellas infelizes pensava em recolher-se a casa. Doray, a alegre e feliz esposa do sr. Felippe, o tenente-mór, vagueava desolada, com seu tenro filho nos braços.

— Vá para casa — diziam-lhe; — olhe que seu filho vai ficar doente.

— Para que viver se lhe ha de faltar um pai que o eduque e olhe por elle? — respondia a desconsolada mulher.

— Seu marido está innocente! Não tardará a voltar.

O capitão Tinay chorava e chamava por seu filho Antonio, e a valente "capitana" Maria contemplava a pequena grade, por trás da qual estavam os seus dois unicos filhos gemeos.

— De tudo isto quem tem a culpa é o sr. Chrysostomo — suspirava uma velha.

A's duas da tarde, um carro descoberto, puxado por uma junta de bois, parou diante do tribunal. O carro foi rodeado pela multidão, que o queria desatrelar e destruir.

— Não façam isso! — gritou a "capitana" Maria. Vocês querem então que elles vão a pé?

Isto deteve as familias. Vinte soldados saíram e rodearam o vehiculo. Depois saíram os presos.

O primeiro foi o sr. Felippe, com as mãos atadas atrás das costas. Cumprimentou sorrindo melancolicamente a sua esposa, que desatou a chorar, e quiz atravessar por entre os guardas para lhe dar o ultimo abraço. Antonio, o filho da "capitana" Tinay, appareceu chorando como uma criança, aggravando assim a dôr de sua familia. Albino, o ex-seminarista estava tambem maniatado, assim como os dois gemeos da "capitana" Maria. Estes três moços appareciam tranquillos. O ultimo a sair foi Ibarra, entre dois guardas civis.

— Aquelle é quem tem a culpa! — gritaram muitas vozes. — Tem a culpa e vai de mãos soltas!

Ibarra voltou-se para os guardas:

— Atem-me!

— Não temos ordem!

— Atem-me!

Os soldados obedeceram.

O alferes appareceu a cavallo, armado até aos dentes e seguido de quinze soldados mais.

Todos os presos tinham familia, esposas ou irmãs que por elles chorassem. Ibarra não tinha pessoa alguma!

A dôr das familias mudou-se em ira contra o joven, accusado de ter promovido o motim. O alferes deu ordem de partir. A multidão redemoinhou ameaçadora. Resoaram com mais força os gritos e lamentos. Os soldados tinham que fazer grandes esforços para não serem embaralhados.

— Cobarde! gritava uma velha ameaçando Ibarra com os punhos cerrados. — Em quanto os outros se batiam por ti, estavas escondido, cobarde!

— Maldito sejas! — dizia-lhe um ancião seguindo-o; — maldito o oiro amontoado por tua familia para perturbar a nossa paz! Maldito! Maldito!

— Oxalá que te enforquem, herejel — gritava lhe uma parente de Albino; e sem poder conter-se, atirou-lhe uma pedra.

O exemplo foi logo imitado, e sobre o desgraçado começou a caír uma chuva de pedras.

Ibarra soffreu impassível, sem irritação, sem uma queixa. Mais duma vez esteve a ponto de gritar que estava innocente e de pronunciar os nomes dos verdadeiros culpados. Mas não despregou os labios. Ninguem lhe daria credito, ao antes, só conseguiria augmentar a colera dos que o consideravam chefe da disparatada conspiração.

O alferes tratou de conter a multidão, mas as pedradas e os insultos não cessaram.

O cortejo afastou-se, sem que Ibarra visse um só dos que se intitulavam seus amigos.

Viu as fumegantes ruinas de sua casa, da casa onde nascera e onde tinham decorrido os dias felizes da sua meninice... As lagrimas, por muito tempo reprimidas, irromperam-lhe por fim dos olhos... Curvou a cabeça e entregou-se á sua profunda dor. Já não tinha lar, nem nada do que torna grata a existencia!... Os seus terriveis inimigos tudo lhe tinham arrebatado num momento!...

XXX

PATRIA E INTERESSES

O telegrapho communicou com sigillo o successo para Manila, e algumas horas depois falavam delle com grande mysterio os jornaes, convenientemente revistos pelo promotor. As noticias particulares, emanadas dos conventos, foram as que primeiro correram de bocca em bocca. O facto, desfigurado de mil maneiras, era crido com mais ou menos facilidade, conforme adulava ou contrariava as paixões e o modo de pensar de cada um.

Sem que se visse perturbada a tranquillidade publica, ao menos apparentemente, alterava-se a paz de muitos lares. Começaram as perseguições, as delações e as vinganças. Os naturaes do paiz, de caracter um pouco independente, foram alvo de vil espionagem. Os frades aproveitaram o ensejo para apertar os parafusos da machina, que até ali obedecera apenas a sua omnimoda vontade e que parecia submetter-se a elles incondicionalmente e começou a acreditar na perfidia dos mestiços. O golpe dado por frei Damaso em collaboração com frei Salvi, produzia os desejados effeitos. O general, sentiu verdadeira indignação ao inteirar-se da tentativa cuja direcção era attribuida a Ibarra, e formou intenção de ser inexoravel. O bom

(Continúa).